



**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH**

**CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**FERNANDA JOANA ZAMBA XIMBUNDE**

**O GRUPO DOS PAÍSES DA LINHA DA FRENTE (PLF): UM EXAME DO  
CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO DA ÁFRICA AUSTRAL (1965- 1992)**

**ACARAPE/CE**

2021

[Digite aqui]

**FERNANDA JOANA ZAMBA XIMBUNDE**

**O GRUPO DOS PAÍSES DA LINHA DA FRENTE (PLF): UM EXAME DO  
CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO DA ÁFRICA AUSTRAL (1965- 1992)**

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr. Carlos Subuhana

**ACARAPE/CE**

2021

**FERNANDA JOANA ZAMBA XIMBUNDE**

**O GRUPO DOS PAÍSES DA LINHA DA FRENTE (PLF): UM EXAME DO  
CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOPOLÍTICO DA ÁFRICA AUSTRAL (1965- 1992)**

Aprovada em: 13/04/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlos Subuhana (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof. Dr. Francisco Sandro da Silveira Vieira (examinador)  
Centro Universitário Assunção (UNIFAI)

[Digite aqui]

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. OBJETIVO</b> .....	9
<b>2.1 Objetivo Geral</b> .....	9
<b>2.2 Objetivos Específicos</b> .....	10
<b>3. JUSTIFICATIVA</b> .....	10
<b>3.1 Relevância acadêmica</b> .....	10
<b>3.2 Relevância social</b> .....	10
<b>3.3 Interesse pessoal</b> .....	11
<b>4. HIPÓTESES</b> .....	12
<b>5. DISCUSSÃO TEÓRICA</b> .....	13
<b>5.1 África Austral</b> .....	13
<b>5.2 Integração</b> .....	14
<b>5.3 Integração Regional</b> .....	14
<b>5.4 Grupo dos Países da Linha da Frente</b> .....	15
<b>5.5 Objetivos e Transformações do Grupo dos Países da Linha da Frente</b> .....	17
<b>5.6 Razões que Levaram a Criação do Grupo dos países da Linha da Frente</b> .....	18
<b>5.7 Desafios Encontradas na Execução dos Objetivos do grupo dos e Países da Linha da Frente</b> 19	
<b>5.8 Vitórias Obtida pelo Grupo dos Países da Linha da Frente</b> .....	22
<b>5.9 Conferência para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC)</b> .....	23
<b>5.10 Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)</b> .....	25
<b>6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	26
<b>7. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO</b> .....	28
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como finalidade compreender a criação dos Países da Linha da Frente (PLF)<sup>1</sup>, seus objetivos e as suas transformações a partir de 1965 a 1992. Segundo Fernandes e Capumba (2011), no início da década 70, a sub-região<sup>2</sup> Austral, do continente africano, estava dividida em dois grupos: o grupo dos países que já haviam conquistado suas independências (Zâmbia, Botswana e Tanzânia) e o grupo dos países que lutavam para a conquista das suas independências (Angola, Moçambique, África do Sul, Zimbabué e Namíbia) e os regimes que vigoravam nestes países na época (a segregação racial e o imperialismo português).

O grupo dos Países da Linha da Frente nasce com o espírito de união entre os “irmãos” da mesma região, no sentido de aqueles que já tinham alcançado as suas independências teriam que ajudar os que ainda não haviam obtido as suas independências, em particular a situação da antiga Rodésia do Sul. Foi assim que dois chefes de países dessa região - Julius Nyerere<sup>3</sup> (Tanzânia) e Kenneth Kaunda<sup>4</sup> (Zâmbia) , em 15 de fevereiro de 1965, reuniram-se em Lusaka, capital da Zâmbia, para traçarem uma estratégia com o objetivo de resgatar a Rodésia do Sul (hoje Zimbábue) as mãos de Ian Smith<sup>5</sup> e o seu regime minoritário.

É de lembrar que nesta época a Inglaterra já havia dado ordens para dar independência aos zimbabuanos, mas o Ian Smith, então “primeiro ministro da Rodésia do sul” revoltou-se contra a Inglaterra e proclamou unilateralmente a independência da minoria branca

---

<sup>1</sup> A expressão comum "Países da Linha da Frente" designa os países que estão mais expostos a fenómenos que ocorrem em países vizinhos. Na década de 70, por exemplo, designavam-se por "*Países da Linha da Frente*" os cinco países que se uniram para combater ações políticas e militares desencadeadas pelo regime do Apartheid da África do Sul (Angola, Moçambique, Botswana, Tanzânia e Zâmbia). No contexto da crise dos refugiados designam-se por Países da Linha da Frente os que estão mais expostos ao fluxo migratório. Na Europa é o caso sobretudo da Grécia e da Itália e, em menor grau, de Malta e de Espanha.

<sup>2</sup> A palavra região é uma expressão que provém do latim “regere” palavra composta pelo radical reg, que deu origem a outras como regência, regente e regra. Na rua antiga era empregada no sentido de área administrativa e na Idade Media assumiu o significado de alcance do feudo (GOMES apud BRITO, 2007, P.11).”

A região é dada pelo Milton Santos, [...] como uma categoria de representação no saber geográfico, que contém, em sim, uma gama de conceitos elaborados ao longo do pensamento não só geográfico, mas também econômico, sociólogo, político etc. A região também é vista, como um território grande, com limitação e demarcação de um Continente, País ou Estado (SANTOS apud BRITO, 2007).

<sup>3</sup> Julius Kambarage Nyerere foi professor de Biologia e Inglês, antes de se tornar o primeiro Presidente da República da Tanzânia. Foi um dos fundadores da Organização da Unidade Africana (OUA) em 1963 e da SADC, liderou o seu Comité de Descolonização da OUA, deu sempre um grande apoio à FRELIMO, na sua luta pela independência de Moçambique e a Milton Obote do Uganda, que conseguiu depor pelas armas o ditador Idi Amin. Em 1978, contudo, viria a travar guerra contra os ugandenses, se saindo vitorioso (Guerra Uganda-Tanzânia). Foi também um dos promotores da criação da PLF.

<sup>4</sup> Foi o Primeiro líder da Zâmbia, após a Independência do País, e consequentemente, foi também promotor do Grupo dos Países da Linha da Frente.

<sup>5</sup> Esteve como Primeiro-ministro da Rodésia do Sul, Antiga Colônia Britânica. Foi o promotor da Independência Unilateral da Minoria Branca na Região, Tornou-se Aliado Direto do Regime do Apartheid na África do Sul.

[Digite aqui]

a 11 de novembro de 1965. Iam Smith aliou-se ao regime fascista<sup>6</sup> de Portugal e o regime do apartheid<sup>7</sup> (separação) da África do Sul com a finalidade de impedirem os movimentos de libertação, liderados por negros, a conseguirem conquistar suas independências. O encontro de Lusaka deu início às atividades do grupo. Botswana de Seretse Khama<sup>8</sup>, após a conquista de sua independência, em 1966, passa a fazer parte dos PLF, ou seja, o grupo começou a crescer cada vez mais, o que era um encontro de dois estados, torna-se de três, e assim sucessivamente (FERNANDES; CAPUMBA, 2011).

Porque é que eram conhecidos como grupo dos países da linha da frente, e não estados da linha da frente ou simplesmente países da linha da frente como aparece em vários outros textos? Como já afirmado anteriormente, a região Austral é composta por muitos países, nomeadamente: “África do sul, Angola, Botsuana, Lesoto, Madagascar, Malawi, Ilhas Maurícias, Moçambique, Namíbia, República Democrática do Congo, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, e Ilhas Seychelles, perfazendo 15 países” (SACAVINDA, 2018).

As independências de Angola, Moçambique e Zimbábue foram grandes desafios, mas, por outro lado, uma vitória do grupo dos países da linha da frente e aos movimentos de libertação nacionais, pois as lutas anticoloniais dos países da África Austral<sup>9</sup> se desenvolveram com intuito de se libertar do jugo colonial português, nomeadamente: Angola, Moçambique e mais tarde procurar regularizar a situação política imposta na Rodésia do sul, atual Zimbábue. As independências de Angola, a 11 de novembro de 1975 e Moçambique, 25 de junho de 1975, foram de grande importância não apenas para os países integrantes da linha da frente, mas também pela região Austral, pois estas tiveram impactos além fronteiras, e ambas serviram de âncora para os países vizinhos que ainda se encontravam sob o domínio colonial.

---

<sup>6</sup> Regime político de ditadura e autoritário criado em Portugal desde 1933 até o seu desmantelamento 1974.

<sup>7</sup> Apartheid foi uma ideologia racista, utilizado pelo povo Sul africano branco, o negro não exercia de nenhum direito, nem a voto, a um trabalho profissional e a várias outras coisas no seu próprio país, o regime foi implementado em 1948 e permaneceu até aos anos 90, quando finalmente o país obteve uma eleição livre e justa. De acordo com Sacavinda (2018) apartheid significa “Desenvolvimento Separado” da qual, a expressão provém da língua africâner, isso significa que, os negros não podiam frequentar os mesmos lugares que os brancos, caso existisse essa possibilidade, os dois grupos raciais eram separados por uma barreira.

<sup>8</sup> Foi o Primeiro Presidente da Botswana de 1966 até 1980, ano da sua morte, aderiu ao grupo no mesmo ano da sua independência.

<sup>9</sup> A África Austral, também chamada de África Meridional, é a parte sul de África, banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental. Normalmente considera-se a África Austral formada pelos seguintes países: África do Sul, Angola, Botswana, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Essuatíni, Zâmbia, Zimbabwe. Estes países e ainda a República Democrática do Congo, a Tanzânia e as Seychelles (que são geralmente considerados parte da África Oriental) formam a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (ou SADC, do seu nome em inglês, “Southern Africa Development Community”). A maioria destes países são ainda membros da COMESA (“Common Market of Eastern and Southern Africa”).

Angola e Moçambique, depois de se tornarem independentes, se juntaram a Zâmbia, Tanzânia e Botswana, o que fez com que o grupo dos Países da Linha da Frente se tornasse mais sólido e resistente, e assim, continuaram com as lutas para libertar o Zimbabué, África do Sul e a Namíbia, onde imperavam regimes de segregação racial. Vale ressaltar que os países da linha da frente e os movimentos de libertação encontraram vários desafios, porém uniram as forças para pôr fim a estes regimes segregacionistas herdados da situação colonial. (FERNANDES; CAPUMBA, 2011)

A conquista das independências de Angola e Moçambique, sob direção política da FRELIMO<sup>10</sup> e o MPLA<sup>11</sup> respectivamente, e as demais lutas de libertação dos territórios do Sul da África, ganhou um impacto estratégico-político, uma vez que os territórios da Rodésia do Sul, Namíbia e África do Sul ainda se encontravam sob custódia de regimes coloniais. Por causa da sua localização geográfica, Moçambique acabou apoiando diretamente a libertação dos povos zimbabuanos e sul-africanos. Por sua vez, Angola apoiou diretamente a luta de libertação da Namíbia.

Segundo Fernandes & Capumba (2011), no Zimbábue existiam dois movimentos de libertação nacional, a saber: ZAPU<sup>12</sup> de Joshua Nkomo<sup>13</sup> e a ZANU<sup>14</sup> de Robert Mugabe. Ambos lutavam pela mesma causa, mas cada um tinha ideologias diferentes. Por este motivo, no dia 12 de outubro de 1976 realizou-se na cidade de Genebra (Suíça) uma conferência para analisar a situação do Zimbabué. O encontro produziu uma união entre os dois movimentos de libertação nacional (ZAPU e ZANU) em uma única frente política - ZANU-FP (União Nacional Africana do Zimbabwe - Frente Patriótica -, onde os dois movimentos assumiram a responsabilidade de trabalharem juntos para libertar o território. A criação da frente patriótica não foi apenas uma vitória aos movimentos de libertação do Zimbábue, mas também dos países da linha da frente e do Comitê de Libertação da Organização da Unidade africana OUA<sup>15</sup>. A frente patriótica foi reconhecida oficialmente em janeiro de 1977 pela linha da frente e pela OUA, e foi proclamado como a única representante do povo zimbabuano.

De 10 a 21 de setembro 1979, realizou-se a conferência de Lancaster House (Inglaterra), onde foi assinado um acordo que consistiu no contrato de independência da

---

<sup>10</sup> A Frente de Libertação de Moçambique foi criado em 25 de Junho de 1962, na Tanzânia.

<sup>11</sup> O Movimento Popular de Libertação de Angola foi criado em 10 de Dezembro de 1956, em Luanda (Angola).

<sup>12</sup> Zimbábue African People's Union (União do Povo Africano do Zimbábue).

<sup>13</sup> Foi um vice-Presidente do Zimbábue de 1990 até a sua morte 1990. E fundador da união popular africana do zimbabué.

<sup>14</sup> Zimbabwe African Nation Union (União Nacional Africana do Zimbabwe)

<sup>15</sup> Organização de Unidade Africana.

Rodésia (atual Zimbabwe) em relação ao Reino Unido, com a participação da Frente Patriótica do Zimbábue. A conferência dá início a independência do território, pois o processo levou às eleições realizadas de 27 a 29 de fevereiro de 1980, com a vitória da frente patriótica. Com a conquista da independência, o Zimbabwe (18/04/1980) torna-se membro dos países da linha da frente.

Após a vitória da linha da frente e dos movimentos de libertação, o grupo da Linha da Frente sofreu várias transformações, não apenas no nome, mas também na sua forma de atuar. A Linha da Frente visava, somente, a libertação dos territórios nas questões políticas e militares. É neste contexto que no dia 1 de abril de 1980, é criada a SADCC<sup>16</sup>, com a assinatura da Declaração de Lusaka (Zâmbia) pelos Chefes de Estado e Governo dos seis países da Linha de Frente (Angola, Botsuana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue), além do Maláui, do Lesoto e da Suazilândia. A Namíbia, o 10º país membro, só aderiu ao grupo em maio de 1990, depois de sua independência, em 21 de março do mesmo ano. De acordo com os signatários da Declaração de Lusaka, a SADCC teve como objetivo geral o de "perseguir políticas visando à libertação econômica e ao desenvolvimento integrado de nossas economias nacionais".

foi uma etapa [de] luta dos países da África Austral contra o regime segregacionista da África do Sul. Seu objetivo precípua foi o de reduzir as dependências históricas (mormente coloniais) de seus membros daquele país. Por isso mesmo sua constituição incorporou formas extremamente flexíveis de associação para poder comportar países de origens e línguas diferentes, de filosofias políticas antagônicas e de posicionamento relativamente à África do Sul que abrange o de quase aliado até o de adversário. Por sua natureza basicamente não-confrontacionista com a África do Sul, mereceu o apoio do mundo ocidental, numa proporção maior do que qualquer outro agrupamento econômico formado na África desde que o continente tomou o rumo da independência. Pode-se dizer que o apoio ocidental sustentou a SADCC e lhe deu vida. (PORTO, 1991)

Como vimos na citação anterior, a SADCC foi criada pelos ELF, mas, para prosseguir com os seus objetivos de cooperação, foi necessária ajuda financeira externa, pois a Linha da Frente não dispunha de condições econômicas para enfrentar o regime do apartheid e continuar com o projeto. Murapa (apud LANGA; SACAVINDA, 2019) afirma que “durante a década de 1980, a SADCC garantiu, efetivamente, o investimento internacional, particularmente nos setores de transportes e comunicações [...]”.

---

<sup>16</sup> Sigla em inglês que dignifica: Southern African Development Coordination Conference (Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral).  
[Digite aqui]

Com o surgimento dos novos desafios na África Austral, como as transformações políticas, econômicas e sociais, os países da região assinaram um tratado em uma conferência que teve lugar, em 17 de agosto de 1992, na cidade de Windhoek (Namíbia), onde a Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) “muda o seu nome para Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), num exercício de cooperação econômica, mas não de integração, pretendendo, desta forma, aumentar o comércio intrarregional com os olhos virados para estabelecimento de um mercado comum. (CHICHAVA apud LANGA; SACAVINDA, 2019, p. 58).

A década de 60 é dada como a década da África, pois 17 países se tornaram independentes e livres do colonialismo, após vários séculos de conquista, ocupação e opressão colonial, década que em alguns países africanos começaram as revoluções, como aponta Visentini (2012):

[...] Em 1960, é considerado o ano da África, porque foi a época das revoluções africanas, e a maioria dos países tornaram-se independentes da França e da Grã-Bretanha dentro da linha “pacífica” gradual e controlada assim como: Camarões, Congo Brazzaville, Gabão, Chade, República Centro-africano, Togo, Costa do Marfim, Daomé ( atual Benim), Alto Volta ( atual Burkina-Faso, Níger, Nigéria, Senegal, Mali, Somália, Madagascar, Maurítânia, Congo Leopoldville (depois Zaire e atualmente República Democrática do Congo). Entre 1961 a 1966 tornou-se independente também: Serra Leoa, Tanzânia, Uganda, Ruanda, Burundi, Quênia, Gambia, Botswana, Lesoto e Zâmbia (VISENTINI, 2012, p. 32.).

No entanto, os países da Linha da Frente (ELF) surgem a partir de uma parte destes países que já se encontravam independentes e unem forças para ajudar aqueles países que os colonizadores, de forma alguma, queriam dar a independência às suas colônias. Segundo Fernando de Novais (2007), as colônias se tornaram as âncoras das metrópoles, ou seja, os países colonizados eram a fonte de rendimento dos países colonizadores, fazendo com que alguns países não estivessem dispostos a perder os seus lucros, em se retirar da forma pacífica do país colonizado, como foi o caso de Portugal (Angola e Moçambique) e a Grã-Bretanha (Zimbabué, África do Sul e Namíbia).

## **2. OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo Geral**

- ❖ Compreender a criação do grupo dos países da linha da frente; os seus objetivos e transformações.

[Digite aqui]

## **2.2 Objetivos Específicos**

- ❖ Destacar as razões que levaram a criação do grupo dos Países da Linha da Frente;
- ❖ Identificar os desafios encontrados na execução dos objetivos do grupo dos Países da Linha da Frente;
- ❖ Apontar as vitórias obtidas pelo grupo dos Países da Linha da Frente.

## **3. JUSTIFICATIVA**

### **3.1 Relevância acadêmica**

O assunto em questão é de extrema importância para a compreensão da região austral da África, mas é pouco falado no âmbito acadêmico, sobretudo porque tem sido difícil encontrar trabalhos que discutem afincadamente a questão em estudo. São poucas as instituições de pesquisa e ensino superior nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que estudam temas relacionados ao grupo da linha de frente, porque entendem que essa questão gira apenas em torno dos políticos. Assim, entendemos que com este trabalho teremos como contribuir com o material didático sobre o tema.

É sabido que estamos em uma época em que a ideia principal é fazer uma ruptura de conhecimentos anteriores sobre a África e acabar com os estereótipos que existem sobre ela. E o local ideal para começar a transmitir esses conhecimentos é no ciclo acadêmico, que é um espaço onde os indivíduos aprendem a interiorizar e exteriorizar os conhecimentos para depois ensinar aos outros.

### **3.2 Relevância social**

O Grupo dos Países da linha da frente é um tema muito pertinente nas nossas sociedades, visto que, foi criado pelos países recém independentes da África austral, com intuito de libertar os outros países da opressão colonial e ameaça militar dos regimes que vigoravam na época, principalmente o apartheid na África do Sul e do Ian Smith na Rodésia do Sul (Zimbabué) sobretudo da independência unilateral do zimbabué pela minoria branca.

A linha da frente foi a promotora na libertação dos países da região Austral (Angola, Moçambique, Zimbabwe e Namíbia), atualmente livres da colonização e dos regimes implementados. É sabido que o apartheid na África do sul deixou marcas que geram traumas,

advindos dos estigmas da situação colonial e da segregação racial no continente africano. Trata-se de marcas que até hoje as sociedades enfrentam, a exemplo da prática do racismo.<sup>17</sup>

### 3.3 Interesse pessoal

Em particular a temática Países da Linha da Frente (PLF) chamou-me atenção pela primeira vez quando frequentava o terceiro ano do ensino médio na disciplina de história, porque antes daquele momento nunca tinha ouvido falar sobre o grupo, que se transformou em SADCC e posteriormente em SADC, a fim de lidar com os problemas coloniais, é neste sentido que o nosso projeto de pesquisa o recorte temporal começa de 65, que de acordo com os autores Fernandes e Capumba (2011) foi a data do primeiro encontro entre os líderes desses países, até 1992 data da criação da SADC.

O fato de ser angolana e o meu país fazer parte desta união entre os países da África Austral, que por acaso muitos angolanos morreram durante as lutas de libertação nacional e guerras civis, como a Batalha de Cuito-Cuanavale<sup>18</sup>, que resultou no derramamento de sangue entre os angolanos, sul africanos e cubanos, deixou-me cada vez mais convicta em escrever sobre o tema.

Em uma aula que tive a um tempo atrás, falamos sobre o apartheid na África do sul, um colega brasileiro fez a seguinte pergunta: “o que os africanos fizeram perante a segregação racial que existiu na África do sul”? Esta pergunta acredito que seja a dúvida de muitos estudantes, que já tiveram em contato com os conteúdos sobre a África e principalmente que já ouviram falar do Apartheid, mas nunca do grupo dos Países da Linha da Frente, que foi a base principal e o início de uma união sólida na África Austral. Acreditamos que com esta pesquisa iremos ajudar a tirar muitas destas dúvidas.

---

<sup>17</sup> A etnografia raça surge para a designação para classificar Animais e Plantas, porém, em 1684 o Francês Bernier usa o termo, para categorizar a diversidade Humana em grupos fisicamente contrastados denominado raças, já nos séculos XVI-XVII, a expressão passa efetivamente a atuar nas relações entre classe sociais da França na época, no entanto, o conceito de racismo nasce apartir deste preconceito e discriminação de uma raça para outra, onde, uma é superior que a outra (MUNANGA, 2003).

<sup>18</sup> A Batalha de Cuíto Cuanavale foi o maior confronto militar da Guerra Civil Angolana, ocorrido entre 15 de novembro de 1987 e 23 de março de 1988.

#### 4. HIPÓTESES

Com base no processo histórico, sociopolítico ocorrido na África Austral já descrito acima, temos as seguintes Hipóteses de trabalho:

**H<sub>1</sub>** O grupo da linha da frente nasce em um período de muita resistência e de muita luta para a libertação política dos territórios, a fim de reforçar os movimentos de libertação nacionais no derrube colonial e dos regimes implementados nestes países, mas acima de tudo, libertar o Zimbábue da minoria branca sobre o comando do Ian Smith. Por intermédio destas dificuldades que eram de interesses regionais, deu-se a necessidade de uma integração entre os irmãos.

**H<sub>2</sub>** A concretização dos objetivos que se deu a sua criação, e com o surgimento de novos desafios como econômicos, sociais e de segurança, o grupo teve que mudar de nome e a estratégia para combater esses desafios criando assim a SADCC e posteriormente a SADC. Acredita-se que a linha da frente foi o começo de uma cooperação e regionalismo entre os países vizinhos da África Austral, para mostrar a garra e a força de vontade de se libertarem de muitos anos de opressão e ocupação.

## 5. DISCUSSÃO TEÓRICA

De acordo com Kruger (2011), a fim de ajudar na compreensão da temática, é necessário estabelecer uma base teórica já estudada e divulgada que se estabeleça de acordo com o tema, ela além de servir como base para o desenvolvimento do trabalho, também esclarece aos leitores os vários conceitos para facilitar no seu entendimento. As principais categorias analíticas e questões teóricas deste trabalho são: África Austral, integração, integração regional, Grupo dos Países da Linha da Frente, SADCC e SADC.

### 5.1 África Austral

Tida como a região-chave do continente, a África Austral é bem mais do que uma simples expressão geográfica. Ela apresenta, pela peculiaridade da sua precoce história colonial, uma alta taxa de integração regional, em vários níveis, que não encontra paralelo em qualquer outra região do continente. Ela possui, também, um valor estratégico relacionado com a rota do Cabo, que perdeu muito do seu interesse com o fim da Guerra Fria, mas que ainda é de se considerar no âmbito do Atlântico Sul. Por essa rota continuam a passar cerca de dois terços do petróleo que, proveniente do Oriente Médio, abastece o Ocidente. Além do mais, a região contém um dos maiores acervos minerais do mundo, alguns deles ainda estratégicos e indispensáveis à Europa e aos Estados Unidos. A região está situada entre os oceanos Atlântico e Índico. (PEREIRA, 2003 p.12-13).

Em palavras simples Pereira descreve a África Austral<sup>19</sup> como sendo a região base e estratégica do continente apresentando, assim, uma alta taxa de integração regional que não se encontra em outra parte da África, sem falar da situação geográfica privilegiada, por se localizar entre os oceanos Índico e o Atlântico.

Bauer e Taylor (apud SCHULTZ, 2014) afirmam que África de uma maneira geral, e a África Austral em partícula, é uma região de grandes relevâncias para a compreensão das relações internacionais atuais, marcada por grande diversidade tanto político-social e econômica quanto geográfica. O Sul da África é também composto por grandes contrastes: ao mesmo tempo em que se tem grandes reservas de recursos naturais, a maior renda per capita média do continente e um sistema de comunicação e transporte bem desenvolvido, a África Austral foi também um dos centros e palcos de confrontos regionais e internacionais, a exemplo da batalha de Cuito Cuanavale ocorrida de 1987 a 1988, na fronteira sul de Angola e que teve

---

<sup>19</sup> A África Austral, também chamada de África Meridional, é a parte sul de África, banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental. Normalmente considera-se a África Austral formada pelos seguintes países: África do Sul, Angola, Botswana, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Essuatíni, Zâmbia, Zimbabwe. Estes países e ainda a República Democrática do Congo, a Tanzânia e as Seychelles (que são geralmente considerados parte da África Oriental) formam a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (ou SADC, do seu nome em inglês, “Southern Africa Development Community”). A maioria destes países são ainda membros da COMESA (“Common Market of Eastern and Southern Africa”).

apoios externas de Cuba e a União Soviética que davam apoio militar ao MPLA, e o conflito indireto entre as duas ideologias - Ocidental-Capitalista (EUA)<sup>20</sup> e o Oriental-socialista (URSS)<sup>21</sup> -, conhecida como Guerra Fria.<sup>22</sup> Com “a queda do muro de Berlim (1989), e a extinção da União Soviética (1991), em consequência disto, terminou a guerra fria” (SILVA, 2014, p.72).

A região da África Austral é composta por 15 países, dentre elas englobam os fundadores dos Países da Linha da Frente, razão pela qual decidimos chamar de “Grupo” porque entre os 15 países que formam a África austral, nem todos faziam parte da mesma.

## 5.2 Integração

A Integração não é vista como um fim em si mesmo, mas como um meio de mudança socioeconômica para os estados envolvidos, que buscam “desenvolvimento endógeno e soberania” Calich (2018, p. 12). A integração sempre foi uma temática de muito destaque, especialmente nos anos que se seguiram as descolonizações, debruça GIBB (apud SCHUTZ, 2014).

A integração sempre teve um papel significativo na África, sobretudo na década de 60. Como mostra Visentini (2012), tratou-se de uma época das revoluções africanas e de criação de muitos órgãos, com o intuito de dar um fim a colonização e na resolução de outros problemas que viriam surgir mais adiante, como econômicos sociais [...]. Um exemplo de como a integração é de extrema importância, é a criação da Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira (UNILAB)<sup>23</sup>, criada em 2010, com a finalidade de integrar todos os países da CPLP<sup>24</sup>.

## 5.3 Integração Regional

De acordo com Calich (2018), a integração regional preza pelo desenvolvimento e pela melhora da inserção internacional dos países em voga, ela não atua apenas como influência ao desenvolvimento e a inserção internacional dos países envolvidos em tal processo, mas na necessidade de desenvolver a região por meio de uma associação entre os estados. Existe um velho ditado bem conhecido que diz: “A união faz a força “. A criação dos países da linha da

---

<sup>20</sup> Estados Unidos da América.

<sup>21</sup> União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

<sup>22</sup> Guerra Fria foi um período de tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus respectivos aliados, o Bloco Oriental e o Bloco Ocidental, após a Segunda Guerra Mundial. Considera-se geralmente que o período abrange a Doutrina Truman de 1947 até a dissolução da União Soviética em 1991.

<sup>23</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

<sup>24</sup> Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

frente e de outras integrações regionais que surgiram antes e depois dela, faz-nos crer nas vantagens que podem proporcionar.

A integração regional, ressalta Meira e Carvalho (2019, p.1), é “um fenômeno importante que ocupa um papel central em diversos campos de estudo.” A integração regional, não se aplica apenas em questões políticas ou militares, mas também nos assuntos acadêmicos, climáticos, econômicos, sociais e culturais.

#### **5.4 Grupo dos Países da Linha da Frente**

Na década de 60 o parlamento sul-Africano recebeu uma visita de representantes da Comunidade Britânica de Nações (Commonwealth), em que comunicavam os ventos de mudanças ou transformações que ocorreriam na África. É neste momento que alguns países como Guiné Conacri, Gana e Congo Belga, já tinham conquistado as suas independências, com exceção das colônias portuguesas na região (Angola e Moçambique) e as colônias britânicas, como Zâmbia, Namíbia, Zimbábue e África do sul. Em 1975 Angola e Moçambique tornam-se independentes e foram criadas condições para derrubar, por um lado, o último bastião colonial, e por outro, o apartheid na África do sul. É a partir deste ponto de vista que Angola e Moçambique se juntam ao Botswana, Tanzânia e Zâmbia e nasce uma integração entre eles, recebeu o nome de Países da linha da frente (PLF), cuja estratégia era isolar politicamente o regime da África do sul, apoiando os movimentos de libertação da ZAPU, SWAPO<sup>25</sup> e ANC<sup>26</sup>, referentes ao Zimbabué, Namíbia e África do sul, respetivamente (PEGADO, 2014, p. 5-6).

Massangaie (2018) destaca que alcançadas as independências das colônias britânicas, francesas e belgas, situadas na África Ocidental, Central e Austral em finais da década de 1950 e inícios da década de 1960, os países africanos independentes decidiram congregar-se na organização da Unidade Africana (OUA), criada em 1963 através do seu comitê de libertação, visando possibilitar a libertação da parte do continente que ainda se encontrava sob a dominação colonial e por regimes minoritários e raciais (apartheid, regime salazarista e do Smith).

Neste contexto, dirigentes dos países independentes que se encontravam na vizinhança da zona de conflito desenharam iniciativas com vista a canalizar o apoio necessário aos movimentos de libertação que lutavam contra os últimos bastiões do colonialismo em

---

<sup>25</sup> South West People's Organisation (Organização do Povo do Sudoeste Africano).

<sup>26</sup> African National Congress (Congresso Nacional Africano).

África, que se localizava na África austral. Tanzânia liderada, por Julius Nyerere, teve maior destaque ao oferecer seu território para edificação de bases para preparação política-militar aos movimentos de libertação, tendo ainda contribuído para o processo de unificação dos movimentos nacionalistas e a criação de frentes unidas contra os colonizadores, como foi o caso da FRELIMO (Moçambique). Outros países independentes na região como Botswana, sob a liderança de Seretse Khama e a Zâmbia liderada por Kenneth David Kaunda, consertaram esforços para apoiar os movimentos de libertação nacionais, tendo constituído o embrião da associação dos países da linha da frente que veio a ser fortificada com adesão de Moçambique e Angola após alcançar sua independência em 1975, sob a liderança de Samora Moisés Machel<sup>27</sup> e Antônio Agostinho Neto<sup>28</sup>. Inicia-se assim, um processo de integração dos países da África Austral alicerçado na busca da independência dos países da região, que veio resultar na independência do Zimbábue em 1980 sobre a liderança do Mugabe (MASSANGAIE, 2018, p.1).

Silva (apud SACAVINDA, 2018) escreve que os países da linha da frente foi uma organização política criada na década de 70, a partir de um documento informal, tendo como principal propósito a libertação política, social e militar dos países da região que não eram independentes e ainda, apoiando os Movimentos de Libertação Nacional. Era mais ou menos uma estratégia entre os países que, mesmo independentes, viam a sua situação política na região ameaçada pelos governos de minoria branca, principalmente o regime de segregação racial na África do Sul (SACAVINDA, 2018).

Schutz (2016) enfatiza que em 1975 os chefes de estado de Botsuana, Tanzânia, Angola, Zâmbia e Moçambique criaram os Estados da Linha de Frente (em inglês “FLS”)<sup>29</sup>. O grupo nasce como um fórum de cooperação entre os estados, sem ser uma instituição formal, com o objetivo de coordenar políticas em apoio aos movimentos de libertação nacional e reduzir a dependência econômica dos países da região em relação à África do sul. (SCHUTZ, 2016, p. 225)

Contudo, a corrente de diálogo entre os autores é semelhante, a disparidade existente é concernente a data da sua criação. Fernandes e Capumba (2011) enfatizam a data do primeiro encontro entre os países que se realizou em 1965, Sacavinda (2018) frisa a data que o grupo

---

<sup>27</sup> Foi o primeiro Presidente da República popular de Moçambique após a sua independência, nasceu em 29 de setembro de 1933-1986.

<sup>28</sup> Foi um Médico, Escritor e o Primeiro Presidente de Angola, nasceu em Catete em 17 de setembro de 1922 e morreu em 1979.

<sup>29</sup> Do inglês, Front Line States.

dos países da linha da frente foi reconhecida como organização regional na OUA, em 1970, já Schutz (2016) o ano da aderência de Angola e Moçambique, em 1975. Por outro lado, Meira e Carvalho (2019) destacam “que a aderência de Angola nos países da linha da frente foi no ano 1976” (MEIRA; CARVALHO, 2019, p. 4)

De acordo com os autores, o grupo dos países da linha da frente tinha a finalidade política de ajudar os movimentos de libertação nacionais. Uzoigwe (2010) acentua as consequências que trouxe sobre a falta de união e integração entre os africanos:

Enquanto o período posterior à guerra russo-turca de 1977-1878 era assinalado, segundo J.H Rose (1905) por um período de estado de equilíbrio político que contribuiu para a paz e o imobilismo na Europa, o mesmo período, na África foi marcado por conflitos e rivalidades interestatais e intraestatais: Mandinga contra Tukolor, Ashanti contra Fanti, Banganda contra Banyoro, Batoro contra Banyoro, Mashona contra Ndebele etc. assim, a Europa podia concentrar-se militarmente de maneira quase exclusiva nas atividades imperiais ultramarinas, mas os países e os estados africanos tinham suas forças paralisadas pelas lutas intestinais. Além disso, as potências europeias conviviam pacificamente, conseguindo resolver os problemas colônias que as dividiam no decorrer da era da partilha e até 1914 sem recursos a guerra (UZOIGWE, 2010, p.44).

No entanto, a época da ocupação e conquista europeia na África, o autor salienta que pela complexidade do continente africano existiam vários conflitos entre tribos e com isso, os europeus aproveitaram-se da situação, facilitando na conquistada e ocupação do continente pelos europeus, ao contrário dos países europeus, que permaneceram unidos, tendo como foco principal a solução de conflitos e problemas colônias, que levaram à realização da Conferência de Berlim (15 de nov. de 1884 – 26 de fev. de 1885).

### **5.5 Objetivos e Transformações do Grupo dos Países da Linha da Frente**

Na década de setenta, relata Silva (2014), alguns líderes da região - Austral Julius Nyerere (Tanzânia), Kenneth Kaunda (Zambia) e Seretse Khama (Botsuana) -, decidiram reforçar as suas relações e cooperações e criaram, assim, o grupo dos países da linha de frente traçando dois objetivos: Apoiar os territórios da região Austral ainda sob dominação colonial (antigas colônias britânicas e portuguesas); conjugação de esforços para o fim do regime segregacionista do apartheid e o regime minoritário do Ian Smith na antiga Rodésia do Sul (SILVA, 2014, p. 63).

Schutz (2014), por sua vez, afirma que “a criação dos estados da linha da frente surge com objetivos de coordenar políticas em apoio aos movimentos de libertação nacionais e reduzir a dependência dos países da região em relação a África do Sul” (SCHUTZ, 2014, p. 76).

[Digite aqui]

O primeiro objetivo foi alcançado em 1980 com a independência do Zimbábue. Quanto aos dois restantes, tiveram maior protagonismo porque assumiram contornos de um fenômeno transnacional, com a Administração Reagan a introdução os conceitos de *constructive engagement* (engajamento construtivo) e de *linkage* (conexão). O primeiro conceito, definia as linhas mestras que traduziam os pontos de ação dos norte-americanos no sentido de encontrarem uma solução global dos conflitos em curso na África Austral. Segundo, estabelecia uma correlação entre a independência da Namíbia, a democratização da África do sul e a retirada das tropas cubanas de Angola. A Namíbia tornou-se independente em 1990, e na sequência, os PLF reestruturaram-se e o objetivo passou a ser econômico, tendo como alvo debilitar a economia do apartheid e é assim que nasce a SADCC (PEGADO, 2014, p. 6).

De acordo com os autores acima supracitados, os verdadeiros objetivos da criação dos Países da Linha da Frente eram de coordenar esforços, estratégias e recursos aos movimentos de libertação nacional que atuavam na região - o ANC e o PAC<sup>30</sup> na África do sul, a SWAPO na Namíbia; ZANU e ZAPU na Zimbábue, MPLA em Angola e a FRELIMO em Moçambique -, a fim de ajudar nas independências e no derrube do colonialismo e os seus regimes segregacionistas e de minoria branca (BRANCO, 2003).

Em uma entrevista dada pelo ex-presidente e promotor da independência de Moçambique, Samora Machel (MOÇAMBIQUE, 1979) afirma que um dos objetivos do encontro dos Países da Linha da Frente (PLF) foi a denúncia de que o imperialismo tinha como finalidade dividir os PLF, sobretudo a Frente patriótica do Zimbábue. Neste sentido, pretendiam colocar em prática a primeira tática utilizada na conquista e ocupação do continente africano, a de “dividir para conquistar, como enfatiza Uzoigwe (2010). Todavia, nos faz perceber que as integrações criadas em África na época das revoluções, tornou os países mais fortes e resistentes, com a capacidade de enfrentar vários desafios que surgiram na região.

O Presidente Machel ainda afirma em sua entrevista que as metrópoles temiam a perda das suas culturas, cultura de opressão, de ocupação para uma nova cultura de liberdade das suas colônias. Em alguns países africanos as independências foram concedidas de forma negociável, como relata Jamine (2009). Porém, outros, como o Zimbábue, África do sul, Namíbia [...] tiveram que entrar em confronto militar.

### **5.6 Razões que Levaram a Criação do Grupo dos países da Linha da Frente**

As principais razões que levaram à criação do Grupos dos Países da Linha da Frente são: a colonização e os regimes segregacionistas que existiam na época - apartheid na África

---

<sup>30</sup> Pan Africanist Congress of Azania  
[Digite aqui]

do Sul, a política de minoria branca, liderada ilegalmente pelo primeiro ministro da Rodésia do sul (atual Zimbábue)<sup>31</sup> e ainda a Namíbia ocupada ilegalmente por África do sul.

Na Rodésia do sul, ao contrário dos outros territórios, a frente de rodesiana branca, liderada por Ian Smith representando o “nacionalismo” branco, não aderiu o primeiro-ministro do governo autônomo recusou-se a proceder a transferência do poder e no dia 11 de novembro de 1965, proclamou a independência unilateral do território. Nascia assim a república da Rodésia, estado dominado por uma minoria branca, que, aliado do fascismo português e ao regime do apartheid dominante na África do sul implantava políticas com vista a travar os movimentos independentistas da região (FERNANDES; CAPUMBA, 2011, p. 20).

Portanto, a independência unilateral de minoria branca comandada por Ian Smith, com aliança do fascismo de Portugal e a segregação racial na África do sul, juntos, criaram políticas para impedir o avanço dos esforços dos movimentos de libertação na região, o que fez com que a Zâmbia e a Tanzânia se reunissem na de Lusaka, em 1965, a fim de montarem estratégias para resolver a questão política do Zimbabué e devolver o poder aos próprios zimbabuanos.

A criação da SADCC, foi uma derrota para os sul africanos que tentavam manter a região Austral dependente dela economicamente, criando a CONSAS, que fracassou após a criação da SADCC, o que acabou se tornando numa grande vitória para os países da linha da frente (LEAL, 2011).

### **5.7 Desafios Encontradas na Execução dos Objetivos do grupo dos e Países da Linha da Frente**

A África Austral foi sempre marcada por vários conflitos, guerras civis e desestabilidades, sem esquecer mencionar que foi palco da batalha indireta entre as duas super potências mundiais durante a guerra fria, o socialismo e o capitalismo (LEAL, 2011). Em meados dos anos 70 o poder e a estabilidade política que a África do sul tinha na África austral, passou a ter mudanças graças aos movimentos de libertação nacionais e o grupo dos países da frente, o que afetou diretamente a política externa da África do sul. O grupo dos Países da Linha da Frente, foi uma das primeiras estruturas da região que foi contra a política da segregação racial, e por conta disto, os países da região tiveram que lidar com as consequências vindas por parte África do Sul (LEAL, 2011).

---

<sup>31</sup> de acordo com o documentário in: “Fronteiras de sangue” dirigida por Borgneth (1987) relata “que o Ian Smith declarava várias vezes que em defesa da Rodésia do sul, levava ele a fazer intervenções militares fora das suas fronteiras”.

Em um relatório da ONU<sup>32</sup>, citado por Wyk (2014), diz que o programa de armas nucleares testado por sul africanos foi a maior ameaça à paz para África austral, mas acima de tudo, um modo de intimidação contra os vizinhos, assim como os movimentos de libertação e os Países da linha da frente que lutavam para o derrube do apartheid na África do Sul. Os sul africanos e seus aliados não fizeram ameaças vazias, pois passaram a fazer ataques em vários países da África Austral - Angola, Botsuana e Moçambique -, onde aconteceram muitas barbaridades: assassinatos, sequestros e bombardeios com a finalidade de desestabilizá-los (TRC apud WYK, 2014).

Além destas, outras operações conjuntas realizadas pelas Forças Especiais e pelo Departamento de Segurança incluíram o bombardeio de duas casas em Mbabane, Suazilândia, em 4 de junho de 1980; o sequestro na Suazilândia, e tortura subsequente do membro do CNA Dayan "Joe" Pillay em 19 de Maio de 1981; um ataque à casa de Nat Serache em Gaborone (13 de fevereiro de 1985); explosão de um carro-bomba que matou Vernon Nkadimeng (também conhecido como Rogers Mevi) em 14 de Maio de 1985 em Gaborone; um ataque a Aubrey Mkhwanazi (também conhecido como Take Five) e Sadi Pule em 31 de dezembro de 1986, em Gaborone; um carro-bomba que matou Mmaditsebe Phetolo e dois filhos em 9 de Abril de 1987, em Gaborone chamado carro-bomba McKenzie); uma bomba no Motel Oasis em Gaborone que não detonou, mas foi destinada para o fazer em agosto ou setembro de 1987); um carro-bomba visando a célula do Escritório de operação Civil do Zimbábue (CCB) em Harare, em 11 de Janeiro de 1988 (a chamada Operação Bulawayo); uma operação de perseguição em Botsuana após a descoberta de um esconderijo de armas em Krugersdorp, em 28 de Março de 1988 (TRC apud WYK, p.129).

Em abril de 1977 militares da Rodésia sul da minoria branca, invadiram a casa do Mugabe em Lusaka, por ser um dos opositores do regime do Ian Smith e da segregação;

Vale frisar que por causa da Guerra fria, que culminou com o apoio Cubano e Soviético aos movimentos de libertação, à Guerra civil entre UNITA<sup>33</sup>, FNLA<sup>34</sup> e MPLA e os ataques sul africanos, fez com que os conflitos em Angola atingissem grande proporção (WYK, 2014). O MPLA tinha apoio da União Soviética, cubanos e nigerianos, a UNITA da África sul, e o FNLA obteve apoio dos E.U.A e do Zaire (SOARES, 1986).

A resistência encontrada em Angola em combinação com a Namíbia, fez com que os sul africanos tiveram que aumentar as capacidades de armamento, a fim de reduzir as baixas obtidas e continuar com o combate. A queda do muro de Berlim<sup>35</sup> e conseqüentemente o fim da Guerra fria, fez com que os sul africanos cedessem a independência à Namíbia e a retirada da união soviética e os cubanos em Angola.

---

<sup>32</sup> Organização das Nações Unidas

<sup>33</sup> União Nacional para a Independência Total de Angola

<sup>34</sup> Frente Nacional de Libertação de Angola

<sup>35</sup> Foi uma Bloqueio erguida pela Alemanha Oriental durante a Guerra Fria.

[Digite aqui]

Em resumo, os sul africanos fizeram de tudo para que o sistema racista na África do sul não fosse derrubado, colocou diversas dificuldades nos movimentos de libertação nacionais da região, nos Países da Linha da Frente e seus aliados (WYK, 2014).

De acordo com Fernandes e Capumba (2011), nos anos 70 e 80 o regime sul africano fez vários investimentos militares para impedir que as forças nacionalistas e os países da linha da frente se intervissem, as unidades especiais criadas para o efeito, mostra de fato que os sul africanos não pretendiam ser derrotados.

Os militares sul africanos atacaram em Angola e mataram muitos degredados da Namíbia que se entrava-se localizados na Huíla, a Namíbia é limitada ao norte por Angola, neste sentido era inevitável que Angola se envolvesse na luta do seu vizinho.

Em 1981 os EUA e os sul africanos vincularam a saída dos cubanos em Angola e os militares da África do sul na Namíbia com intuito de dificultar a independência da Namíbia. a África do sul não queria de forma alguma deixar o antigo sudoeste africano alcançar a sua independência. Neste mesmo ano, os militares da África do Sul apossaram-se um grande território no Cunene, com a intenção de intimidar todo continente africano, em especial os países da linha da frente, para obrigar Angola a retirar as tropas cubanas na região.

A guerra civil em Angola que devastou o país durante 30 anos entre os três partidos UNITA, MPLA, FNLA e aliados, foi um dos desafios enfrentados pelo grupo, uma vez que Angola era um dos integrantes dos países da linha da frente. Após vários ataques e bombardeio dos sul africanos em Angola, para impor que os angolanos retirassem os cubanos no norte de Angola que obviamente os angolanos e os cubanos não cederam e decidiram que as tropas cubanas ficariam no local, até ter garantia de que a fronteira estaria segura e livre da ameaça do sul africano Leal (2011). Entretanto, esta resistência dos angolanos em não retirar as tropas cubanas da região e a necessidade da África do sul em aliança com a UNITA de desestabilizar o País, em específico o MPLA devido ao seu potencial econômico, os sul africanos pretendiam fazer a região Austral dependente absoluto deles, porém, Angola mostrava ser um rival à altura. Andrade (1994) acentua, em virtude disto, levou a um confronto direito muito mais sangrento denominado como batalha do Cuito Cuanavale. Segundo Leal (2011) a batalha do Cuito Cuanavale foi um conflito ocorrido no Sul de Angola, que deu início no ano de 1987 entre a África do sul em aliança com a UNITA contra os cubanos em conjunção com o MPLA, os sul africanos e a UNITA foram derrotados pelo o MPLA e a Cuba.

Por outro lado, Moçambique tendo fronteiras ao Oeste com a África do sul e o Zimbábue, exerceu um papel muito importante na descolonização e lutas de libertação nacional destes países, e no desmantelamento de regimes minoritários da região.

### **5.8 Vitórias Obtida pelo Grupo dos Países da Linha da Frente**

Como em toda batalha, o objetivo principal é obter os resultados almejados, no entanto, após muito tempo de luta e resistência da parte dos países da linha da frente, começam a concretizar os seus objetivos. Em 1 de abril de 1980 o Zimbábue se torna independente e vem dar um sangue novo aos países da linha da frente, e neste mesmo ano cria-se a SADCC derrotando assim os sul africanos (JANINE, 2009). Vicentini (2010) ressalta que em 1979, com a assinatura dos acordos do palácio de Lancaster House, em Londres (Inglaterra) e zimbabuanos, tanto brancos como negros, chegaram a um acordo e a luta armada de libertação cessou. No ano seguinte, Robert Mugabe, da ZANU, venceu as primeiras eleições do país, tornando-se o primeiro-ministro.

A população nativa, que sofria muito com a injusta distribuição de terras que fora realizada, passou a reivindicar mudanças. O Exército Africano de Libertação Nacional do Zimbábue (ZANLA)<sup>36</sup>, braço armada da a União Nacional Africana do Zimbabwe (ZANU, que era liderada por Robert Mugabe), e o Exército Revolucionário do Povo do Zimbábue (ZIPRA), braço armado da União do Povo Africano do Zimbabwe (ZAPU, que era liderado por Joshua Nkomo), travaram uma longa guerra de guerrilhas contra o regime racista. Todavia, a independência de Moçambique, aliado dos guerrilheiros, tornou a situação insustentável. Em 1979, com a assinatura dos Acordos de Lancaster House, em Londres, e zimbabuanos – tanto brancos quanto negros – chegaram a um acordo, e a luta armada de libertação cessou (VISENTINI, 2010, p. 8).

Soares (1986) escreve que em 1974 a região austral conheceu um período relativo de paz, apesar do avanço da dominação da minoria branca na Rodésia do sul. As independências de Angola e Moçambique, em 1975, vieram dar encorajamento aos outros países da região a apoiar os movimentos de libertação do Zimbábue, a ZANU e a ZAPU. Os Países da Linha da Frente, envidaram esforços que culminaram com a união entre os dois líderes nacionalistas do Zimbábue tornando-se, assim, uma única frente (MASSANGAIE, 2007).

Andrade (1994) ressalta que a vitória do MPLA com Cuba na batalha de Cuito Cuanavale, levou a várias conversações e negociações por parte de Angola, Cuba, África do sul e Estados Unidos, o que fez com que a situação se acalmasse e em dezembro de 1988 foram assinados os protocolos de Brazzaville e de Nova Iorque que decretam a retirada, finalmente, de tropas cubanas em angola em conjunto a independência do antigo sudoeste africano a atual

---

<sup>36</sup> Zimbabwe African National Liberation Army (ZANLA).

Namíbia. Em Angola os acordos de paz foram discutidos utilizando vias diplomáticas durante um ano de negociações, o MPLA e a UNITA fixaram no dia 1 de maio de 1991, os acordos de paz de Bicesse.

### 5.9 Conferência para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC)

Após a independência do Zimbabwe (1980), o grupo viu a necessidade de tornar a região potente economicamente e livre da dependência econômica da África do Sul (PEGADO, 2014). Segundo Murapa (apud MEIRA; CARVALHO, 2019), com as independências de Angola, Moçambique e Zimbábue, fizeram com que os países da Linha da Frente percebessem que tratar da questão econômica era um fator crucial. O presidente da Tanzânia convocou uma reunião, em 1979, para falar do ajustamento das políticas econômicas, e decidiu-se pela criação de uma forma de resolver os problemas referentes ao desenvolvimento da região, que se deu o nome de Conferência para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC).

A SADCC foi criada no dia 1 de Abril de 1980 em Lusaka, capital da Zâmbia, durante uma reunião de presidentes dos países da Linha da Frente (Angola, Botsuana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia), onde se juntaram os representantes da Suazilândia, Lesoto, Malawi, e o novo membro recém independente, a república da Zimbábue. No final da reunião os representantes dos nove países<sup>37</sup> assinaram uma declaração intitulada: “África Austral: rumo à independência Econômica”<sup>38</sup>, que ficou conhecida como a declaração de Lusaka (BRANCO, 2003).

Subjacentemente à criação da SADCC estava a ideia dos estados membros de que não era possível continuar a oposição política da África do sul, por via dos Estados da Linha da Frente, ao mesmo tempo que se colaborava economicamente com ela. A oposição sul-africana tinha que ser feita em todos os domínios, assim, se os estados da linha da frente eram vistos como a vertente política ao combate ao apartheid, a SADCC passou a ser a vertente econômica, ambas as organizações defendiam o mesmo objetivo, ou seja, o fim do apartheid. No caso da SADCC, e pese embora se apresentasse como uma organização econômica, a prioridade ao nível de seus objetivos, era política. Embora possa parecer como uma contradição, a verdade é que os objetivos econômicos da SADCC só poderiam ser alcançados com desaparecimento de um grande obstáculo político que era o apartheid. Ao nível dos objetivos, a SADCC pretendia alcançar os seguintes objetivos: 1. Redução de dependência econômica, particularmente, mas não só em relação a África do sul; 2.

<sup>37</sup> José Eduardo dos Santos – Angola; Samora Moisés Machel – Moçambique; Seretse Khama – Botswana; Julius K. Nyerere – Tanzania; Kenneth Kaunda – Zâmbia; Mabaudla F.N. Dlamini – Suazilândia; Robert Gabriel Mugabe – Zimbábue; Mooki V. Molapo – Lesoto; Dick Tennyson Matenje – Malawi.

<sup>38</sup> Southern Africa: Toward Economic Liberation. A Declaration by the Governments of Independent States of Southern Africa made at Lusaka on the 1st April 1980.

Criação de laços para uma genuína e equitativa integração regional; 3. Mobilização de recursos para promover a implementação das políticas nacionais, interestatais e regionais; 4. A ação concertada para garantir a cooperação internacional dentro do âmbito da estratégia de libertação econômica. (BRANCO, 2003, p. 123-124).

Como vimos na citação, Branco (2003) diz que os objetivos da SADCC não eram apenas econômicos, mas também políticos, porque para o desenvolvimento da economia era necessário dar um fim aos regimes segregacionistas e de minoria branca implantados. De todas as formas, o grupo dos países da linha da frente, mesmo mudando de nome e de objetivo, continuava focada na libertação dos países que ainda estavam sob a opressão colonial e que ainda não haviam conquistado as suas independências.

De acordo com Jamine (2009, p. 56), no final dos anos 1970 e no início de 80 o espaço político da África Austral designava-se pelas duas estratégias diferentes, por um lado a CONSAS<sup>39</sup>, proposta dos Sul africanos, por outro lado a SADCC projeto dos países da linha da frente”. Mediante a estas duas propostas diferentes, as relações regionais na África Austral entram em uma nova etapa, que se caracteriza pelo ajuntamento dos países da região em oposição da África do Sul, porque o objetivo da CONSAS era manter todos os países da região sob dependência econômica, sendo que, os países da linha da frente, pretendiam se desvincular dela.

Jamine (2009) argumenta que a CONSAS só existiria se os países vizinhos apoiassem. Os países vizinhos, mediante a esta questão, dividiam-se em dois grupos em termos econômicos. Em um lado estava o Botswana, Lesoto, Malawi, Suazilândia e Zâmbia (antiga Rodésia do Norte ) que por causa da dependência econômica a África do sul, não lhes restava outra opção senão aderir a CONSAS; por outro lado, Angola, Moçambique, e Tanzânia, que por intermédio da maior capacidade de resistência, contradiziam claramente as pretensões da África do sul. No entanto, a questão principal para oscilar este cenário era o futuro da Rodésia do Sul (Zimbabwe) que tinha um peso político e econômico considerável na região. Portanto, do mesmo jeito que o futuro do Zimbabwe era importante para a aderência dos países vizinhos a CONSAS, também era para o grupo dos países da linha da frente em termos políticos, econômicos e de segurança.

Na época da implementação da CONSAS, o processo de transição no atual Zimbabwe se encontrava no seu auge, para os sul africanos, britânicos e os americanos estava

---

<sup>39</sup> Constelação dos Estados da África Austral, criada pela África do Sul, com intenção de tornar os países da região dependente econômica dela.

claro que o regime do Smith não iria permanecer no poder. Desta forma, a disputa era dos líderes africanos moderando de forma a impedir a subida ao poder de grupos radicais ao colonizador, como a ZANU de Robert Mugabe. De tal maneira para África do sul, como para o regime de Ian Smith, sendo que a Grã-Bretanha já não estava envolvida diretamente nas questões da Rodésia do sul, o melhor seria que o futuro governo devesse sair de uma aliança entre Abel Muzorewa<sup>40</sup> e Joshua Nkomo. O Zimbabwe sendo dirigido por Mauzorewa, estaria disposto a entrar a CONSAS, o que seria de exemplo para os restantes países seguirem, ou seja, se a aposta no Zimbábue ganhasse, na Namíbia e a África do sul poderia tentar aplicar o mesmo padrão e manter o território sobre a influência da África do sul.

### **5.10 Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)**

É memorável que a temática estudada começa de 1965 até o ano 1992. Em 65 foi o ano que a Rodésia do sul proclamou a independência unilateral com a minoria branca, sob o comando de Ian Smith. Segundo Visentini (2010), foi neste mesmo ano que Julius Nyerere e Kenneth Kaunda se reuniram para dar início a uma cooperação entre os países da África Austral, criando assim a PLF. Já em 92 é a data que marca a criação da SADC, sucessora da SADCC.

De acordo com Swart e Plessis (apud SCHUTZ, 2015), a década de 1990 é uma época de transformações no processo de integração na região da Austral da África, também conhecido como África Meridional. No continente africano concretizou-se o fim do combate anticolonial, o fim do regime do apartheid na África do sul e praticamente toda região da África Austral estava livre da colonização, o que nos leva a afirmar que os Países da Linha da Frente conseguiram alcançar os seus objetivos. Os obstáculos políticos e de segurança dessa macrorregião alteram-se e surge oportunidade para maior colaboração regional. É neste sentido de transformações e novas possibilidades que, em 1992, os chefes de países da SADCC assinaram a declaração e o tratado da Criação da Comunidade para Desenvolvimento da África Austral SADC, que ficou conhecida como a declaração de Windhoe (Namíbia), tendo como membros Angola, Botsuana, Lesoto, Zâmbia, Tanzânia, Suazilândia, Zimbabwe, Namíbia Moçambique e Malawi.

Sacavinda (2018) argumenta que a SADC se ergue em um período de muita tensão devido aos conflitos que assolavam a África austral. Com o tratado de Windhoek (Namíbia), a

---

<sup>40</sup> Abel Muzorewa Tendekayi (Rodésia do Sul, 14 de abril de 1925 – Harare, 8 de abril de 2010) foi um religioso e político do Zimbabwe. Serviu como primeiro-ministro de Zimbabwe-Rodésia pelo Acordo de Lancaster House em 1979. Bispo metodista e líder nacionalista, ele permaneceu na presidência durante apenas alguns meses.  
[Digite aqui]

SADC sucede a SADCC, todavia, com o fim da segregação racial na África do Sul, o país passa a fazer parte do bloco, após muitos conflitos militares, econômico e políticos que a África do Sul teve com os outros países da região. O fim do apartheid foi, de fato, uma grande vitória para a região da África Austral.

## 6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como em todo trabalho científico, é necessário traçar caminhos para obtivermos resultados, isso significa, definir os métodos que serão utilizados para facilitar na percepção do estudo. Os procedimentos metodológicos são definidos por Beuren et al (apud KRUGER, 2011) “como os delineamentos, em que determina a articulação dos planos e estruturas com o objetivo de obter respostas para o problema de estudo”. Neste contexto, iremos utilizar o método qualitativo, visto que é uma técnica que se utiliza nos estudos para melhor compreensão do homem e do meio em que está inserido. Godoy (1995, p. 21) afirma que “os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes”. Ou seja, a pesquisa qualitativa faz com que exista uma relação entre o sujeito e o mundo real sem envolver dados, gráficos ou tabelas, o pesquisador tem a liberdade de atribuir significados e a fazer interpretações de fenômeno (KRUGER, 2011).

A pesquisa qualitativa leva o pesquisador a “captar o fenômeno em estudo” a partir do olhar dos sujeitos neles inseridos, leva em consideração todos os pontos relevantes, neste sentido, são vários pontos analisados para que se entenda a dinâmica do assunto, portanto, para a compreensão do Grupo dos Países da Linha da Frente, iremos analisar os fenômenos sociais, históricos e políticos. (GODOY, 1995).

Guerra (2014), por sua vez, considera que a pesquisa qualitativa ou como a autora chama de “pesquisa alternativo” é a pesquisa que defende o estudo do ser humano, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que faz a sua interpretação do mundo em que vive, motivo pela qual, o homem é diferente de objeto. De acordo com Minayo (apud GUERRA, 2014) a mesma pesquisa é apropriada para o estudo da história, das sociedades, representatividade, crenças, das relações pessoais, percepções e opiniões, o método qualitativo vai ser crucial para entendermos sobre o surgimento dos PLF.

Na realização da pesquisa qualitativa, utilizaremos a pesquisa bibliográfica, sendo uma pesquisa que ajuda a fazer um levantamento de um referencial teórico de tudo que já foi [Digite aqui]

escrito e publicado sobre a temática, de Artigos Científicos, Dissertações, Teses, Livros, TCC etc. De acordo com Gil (apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40) “a pesquisa Bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”. Contudo, a nossa pesquisa se sustentará por meio de materiais já escritos.

A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada também, em pesquisas exploratórias ou descritivas, em casos que o tema é pouco falado, como é o caso do Grupo dos Países da Linha da Frente. Ela requer do realizador a atenção constante aos objetivos, para não perder o fio lógico da pesquisa, e aos pressupostos que envolvem o seu estudo para que a vigilância epistemológica aconteça (LIMA; MIOTO, 2007).

Pretende-se, durante a pesquisa, contactar o Museu das Forças Armadas Angolana e o Instituto de Investigação Sociocultural (ARPAC)<sup>41</sup> de Moçambique, e outros órgãos competentes, afim de adquirir materiais e conseqüentemente ajudar no aprimoramento da pesquisa.

Neste pressuposto, a pesquisa qualitativa pode, no entanto, ser conduzida “através de diferentes caminhos, como a pesquisa documental” (GODOY, 1995). A pesquisa documental faz parte de um dos caminhos que iremos seguir no desenvolvimento da temática, estamos a falar de documentário e entrevistas. Godoy traz a ideia da pesquisa documental como:

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. (GODOY, 1995, p. 21)

Em virtude disto, Godoy chama atenção na pouca importância que se dá a pesquisa documental. A autora diz ainda que, “os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados e materiais em outros campos de estudos qualitativo”. Evidentemente a autora não deixa de ter razão, atualmente existem muitos trabalhos acadêmicos em forma de Filmes, Revistas, Relatórios [...].

---

<sup>41</sup> Museu do Patrimônio em Maputo- Moçambique.  
[Digite aqui]

## 7. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO

Projetamos cinco etapas de trabalho, sendo a primeira uma revisão bibliográfica e localização de fontes e acervos documentais; a segunda será uma espécie de *survey* (pesquisa exploratória) visando identificar as principais características dessa população; a terceira consistirá na construção dos elementos de pesquisa (pesquisa de campo); a quarta, organização e a análise do material a ser coletado; e a quinta constituirá a redação e apresentação dos resultados. A pesquisa será executada em (12 meses).

Periodização	Primeira etapa	Segunda etapa	Terceira etapa	Quarta Etapa	Quinta Etapa
	Revisão bibliográfica e localização de fontes e acervos documentais	Pesquisa Exploratória ( <i>survey</i> )	Pesquisa de campo	Organização e análise do material coletado	Redação e apresentação dos resultados.
MAR/05	X	X			
ABR/05	X	X	X		
MAI/05	X		X		
JUN/05	X		X		
JUL/05	X		X		
AGO/05			X		
SET/05			X		
OUT/05			X	X	
NOV/05				X	X
DEZ/05				X	X
JAN/06					X
FEV/06					X

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Virgílio Moretzsohn de. África, com Ênfase nos Países de Língua Portuguesa e Nigéria, Namíbia e África do Sul. **Revista da Escola Superior de Guerra**, Rio de Janeiro, pp. 1-9, Maio 1994. Disponível em: [https://www.esg.br/publi/arquivos-revista/revista\\_32.pdf](https://www.esg.br/publi/arquivos-revista/revista_32.pdf). Acesso em: 04 de Mar de 2021.

BRANCO, Luís Bernardo Nunes Castelo. 2003. 445 p. **A Política Externa Sul-Africana: Do Apartheid a Mandela**. Tese (Doutorado em Estudos Africanos Interdisciplinares em Ciências Sociais, na especialidade de Política e Relações Internacionais em África) - Estudos Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2003. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/542/1/Doutoramento%20Luis%20CB.pdf> . Acesso em: 11 jan. 2021.

BRITO, Thiago Macedo Alves de. **Região: leituras possíveis de Milton Santos**. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007

CALICH, Ana Paula de Matos. **O papel da integração regional como mecanismo de inserção internacional e de promoção de desenvolvimento: estudo de caso sobre a SADC**. 2018. 129 p. Dissertação (Mestre em Economia Política Internacional) - Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional- Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

CHICHAVA, J. Vantagens e desvantagens da integração de Moçambique na integração econômica regional. **Revista Científica Inter-Universitária Economia, Política e Desenvolvimento**, Santa Maria, v. 1, n. 4, p. 11 – 30, 2011.

FERNANDES, Joao Pedro; CAPUMBA, Pedro Almeida. **História 12ª Classe**. Luanda: Texto Editores, 2011.

**FRONTEIRAS DE SANGUE**. Direção e produção: Mário Borgneth. Maputo; São Paulo: Austra Cinema e Comunicação (Brasil), Kaneme Produção e Comunicação (Moçambique), Labi Mendonça (Brasil), 90 min. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PMqbjtQs\\_so](https://www.youtube.com/watch?v=PMqbjtQs_so) . Acesso em: 10 Abr. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 35, n. 3, Maio/Jun., 1995

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

JAMINE, Elísio Benedito. **A Integração Regional na África Austral: obstáculos e oportunidades (1980-2008)**. 2009. 199 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais “San Tiago Dantas” Unesp/Unicamp/PUC-SP. – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

KRUGER, Guilherme Meurer. **Estruturação de um Sistema de Custeio em uma Microempresa do Setor de Mármore e Granitos**. 2011. 59 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Contábeis) –

[Digite aqui]

Departamento de Ciências Contábeis - Centro Sócio-Econômico -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LANGA, Ercílio Neves, Brandão; SACAVINDA, Paula Graça. SADC: análise do contexto histórico e político (1970-1992). **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 15, n. 29, p. 143-164, 2019.

LEAL, Marcelo Mesquita. **A Campanha Militar de Cuito Cuanavale (1987-1988): Uma análise baseada na Teoria da Guerra de Clausewitz**, 2011. 74 p. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de Histórias - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.

LIMA, Telma C. S. de; MIOTO, Regina C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico. **Revista Katálysis**. Florianópolis, SC. v. 10, 2007, p. 37-45.

MASSANGAIE, Arnaldo Timóteo. Moçambique no Processo de Integração na Comunidade para o Desenvolvimento da África austral (SADC). **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, Porto Alegre, v.3, n.6, 2018. p.23-55. MEIRA, Kelly Cristine Oliveira; CARVALHO Patrícia Nasser de. Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC): Integração Regional e Desenvolvimento. *In: 18º SEMINÁRIO DE DIAMANTINA*, 2019, DIAMANTINA-MG. 18º SEMINÁRIO DE DIAMANTINA [recurso eletrônico], 2019, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte-MG: UFMG/Cedeplar, 2019.

MOÇAMBIQUE. Objetivo do Imperialismo era dividir-nos. Entrevista do Presidente Samora ao regressar de Lusaka da Reunião dos Países da Linha da Frente). **Doc. Inf. CEDIMO Série A (1) 1979**, pp. 57 – 58. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/1978/09/03.pdf>. Acesso em: 06 Mar. 2021

MOMA, José Abel. Reconsiderando as origens da construção do regionalismo na África Austral, trinta anos depois. Por uma leitura construtivista das origens da SADC. **JANUS.NET e-journal of International Relations**. [S. l.];, Vol. 3, n. ° 2, Out. 2012, pp. 109-121

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira)**. UFF, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-34, 2003.

MURAPA, Rukudzo. A Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC): rumo à integração política e econômica. **Impulso**. Piracicaba, n. 31, p. 155 - 164, 2002.

NOVAIS, Fernando Antônio. **Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial (Século XVI-XVIII)**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense; Campinas: UNICAMP (30 Anos de Economia – UNICAMP, 11), 2007, 108 p.

PEGADO, Aida Maria Silvério Pinto. **Angola como potência regional emergente. Análise dos fatores estratégicos**. 2014. 399 p. Tese (Doutorado em Estudos Africanos – Política e Relações Internacionais) - Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Instituto Universitário de Lisboa, 1994.

PEREIRA, José Maria Nunes. “O continente africano. Perfil histórico e abordagem geopolítica das Macrorregiões”. In: BELUCE (org.) **Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos – UCAM/ Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

[Digite aqui]

PORTO, Valéria. **SADCC: coordenação política e econômica dos governos de maioria da África Austral na luta contra o "apartheid"**. 1991. 207 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) —Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

SACAVINDA, Paula Graça. **A Comunidade Para o Desenvolvimento da África Austral (SADC): Uma análise do contexto histórico e sociopolítico entre 1970-1992**. 2018. 26 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidade) - Instituto de Humanidades e Letras (IHL), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

SCHUTZ, Nathaly Silva Xavier. A integração Securitária na África Austral: a SADC e o OPDS. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**. Porto Alegre, v.1, n.1. Jan./Jun., 2016, p. 223-242.

\_\_\_\_\_. A Integração Securitária na África Austral: A SADC e o OPDS. **I Seminário Internacional de Ciência Política Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

\_\_\_\_\_. **Integração na África Austral: A Comunidade Para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) E os Condicionantes e Políticas da Integração**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em Ciência Políticas, 2014.

SILVA, Lilian Mendes Ferreira da. **O Papel das Organizações Regionais Africanas no Desenvolvimento da Democracia “O Caso da SADC”**. 2014. 169 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus) – Departamento de Relações Internacionais, Escola de Economia, Universidade de Évora, Évora, 2014.

SOARES, Guido Fernando Silva. Estudos de África I (A emergência dos novos Estados africanos ao Sul do Sahara, suas relações com as antigas metrópoles e as demais nações desenvolvidas). **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)**. São Paulo, v. 81, jan./dez., 1986, p. 60-97.

UZOIGWE, Godfrey. “Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral”. In: BOAHEN, Albert Adu (ed.). **História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 21 – 50.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As Revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo: Unesp, 2012, 192 p.

\_\_\_\_\_. **O Livro na Rua: Zimbábue**. Brasília: Thesaurus, 2010.

WYK, Jo-Ansie Van. **O programa nuclear da África do Sul do apartheid e seu impacto na África Austral**. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**. Porto Alegre, v.3, n.6, Jul/Dez., 2014, p.117-139.